

O SENTIDO NA ANÁLISE DO DISCURSO: UM PROCESSO DE MANIFESTAÇÃO ANALÍTICA

Elisângela Leal da S. Amaral (UEMS)

elisilvamaral@hotmail.com

Marlon Leal Rodrigues (UEMS)

marlon@uems.br

RESUMO

Desde o tempo em que não havia escrita, o homem se articula no intento de entender e se fazer entendido. Com o advento da escrita e seus processos, e a partir daí a organização de textos escritos, a ciência evolui e se estrutura nas mais diversas áreas. Dentre elas a filologia, com uma preocupação de interpretar a fim de compreender alguns dos processos de construção de sentido do texto, ou nas “entrelinhas”, ou “O que pode representar o que o autor ‘quer dizer?’”. De um ponto de ligação entre a linguística, a psicanálise e o materialismo histórico, constituiu-se a análise de discurso, que, de certo modo, se estabelece no terreno limítrofe da filologia e das ciências sociais, porém sob uma perspectiva diferente de hermenêutica. A construção de sentido para a análise do discurso passa pelo envolvimento com mecanismos e fenômenos que compõem a existência humana: processo de simbolização. Dentro da concepção dessa nova ciência, cujo objeto é o discurso, há alguns tópicos que se aliam constituindo-se ferramentas que capturam o processo de manifestação de sentidos. Este estudo propõe uma reflexão sobre esses elementos.

Palavras-chave:

Análise do discurso. Linguística. Psicanálise. Materialismo histórico

1. Introdução

O homem só se dá à existência por meio da linguagem, forma pela qual alcança a interação. Nesse processo, posiciona-se diante de um outro, estabelecendo uma relação de existência, passa a se constituir. Assim, a linguagem constitui o instrumento por meio do qual as relações se estabelecem. No entanto, como ser simbólico que é, vive a constante necessidade de apreender os sentidos. Um olhar, um gesto, um sorriso, a fala ou o silêncio podem ser formas de linguagem, ocorrências de manifestação de vida, da existência desse ser, podendo tornar-se discursos que suscitam interpretação, instigam a busca pelo sentido.

Em análise de discurso, o sentido se revela relacionado a alguns mecanismos apresentados em tópicos por essa cientificidade, aliados a condições de produção de um discurso e aos gestos de interpretação. Elaborados pelo trabalho permitido pela polissemia e pela paráfrase, com o

auxílio da metáfora, os deslocamentos vão construindo sentidos entre interlocutores.

Este artigo tem por finalidade instigar, em alguma medida, reflexão sobre o processo de construção do sentido em análise de discurso, por meio do estudo de alguns tópicos que compõem esse campo teórico.

2. O discurso em análise do discurso

Discurso, “feito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2008, p. 73), palavra polissêmica, gramaticalmente falando, no vocabulário de língua portuguesa, não é estranho aos falantes. No campo da análise de discurso de linha francesa, essa palavra ganha uma conotação diferenciada, além de ser o objeto capaz de tornar a análise do discurso uma ciência, sendo seu objeto de estudo. Ao definir discurso como “percurso”, Eni Orlandi, vem explicitar o aparecimento, presença e possibilidade de continuidade desse fenômeno de uma forma muito significativa ao se ter por base a continuidade presente na ocorrência do discurso. Sob a ótica da análise do discurso, não seria possível delimitar o ponto em que um discurso se inicia, nem estabelecer em que momento é finalizado.

Para fundamentar a definição de discurso como “percurso”, conforme comentado anteriormente, Orlandi volta a contribuir apresentando alguns processos que permitem maior entendimento sobre a constituição do discurso por meio de alguns tópicos:

Os processos de produção do discurso implicam três momentos igualmente relevantes:

- 1- Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
- 2- Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e
- 3- Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (ORLANDI, 2008 p. 09)

No item de número 1, a autora se refere à memória, outro elemento polissêmico se levado como estudo de vocabulário/sentido de/em língua portuguesa. No entanto, para os estudos em análise do discurso, a definição de memória utilizada seria efetuada por Pêcheux:

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-

transversos *etc.*) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, p. 52)

Nessa definição, Pêcheux reafirma a existência de outros discursos anteriores e também de outras memórias provenientes das contribuições da historicidade que acompanha os acontecimentos. Situações registradas nos arquivos da “história” que acompanham a existência do “homem”. Nessa relação do materialismo histórico com a psicanálise – o primeiro trazendo os registros das histórias vivenciadas pela humanidade, demarcada pela atuação de “sujeitos” de diversas épocas; a segunda trazendo respostas que justifiquem a ocorrência e registro dessas memórias além dos processos de arquivo e “metamorfose” do que deveria ser passado, mas volta a acontecer, sob alguma medida, isto é, o passado tornando-se presente, o ontem se apresentando como hoje ou parte dele.

O que permite a transformação ou passagem desse mecanismo do interior para o exterior, do imaginário para o real é a linguagem. Afinal, é por meio dela que psicanálise, materialismo e a própria linguagem vêm ao exterior, apresentam-se, fazem-se conhecidos. A mesma linguagem, em outras épocas, usada para que outros discursos ocorressem em outras épocas, hoje chamados interdiscursos, que, de alguma forma, ficaram arquivados na memória, se dispersam, passando a fazer parte do processo de esquecimento. A memória tem a propriedade de arquivar a história da humanidade, os acontecimentos que estão do outro lado do dizer e que contribuem para que o discurso venha a fazer um sentido e não outro.

Outro fator importante para a análise do discurso, a formulação pode ser explicada como o momento em que o sujeito, ao “escolher” o que vai dizer, “seleciona” o que diz, na medida em que “quer dizer”, usando o vocabulário que “julga conveniente” para produzir o efeito que deseja, construindo assim o discurso, ilusoriamente, acreditando ter em si o controle de tudo. Isso se dá pelo processo de esquecimento.

Da mesma forma que na constituição se fazem presentes os interdiscursos com seus “ecos históricos” ressoando acontecimentos já passados, na formulação aparece o intradiscorso, ilusoriamente sendo produzidos sob efeitos que perpassam pela memória discursiva e se apóiam nos esquecimentos para que se produza um discurso “novo”, outro, auxiliados pela paráfrase e pela polissemia. Enquanto que a circulação se volta para os espaços de percurso, ou vias por onde o discurso pode circular e que influenciam também na produção de seus sentidos.

Nesse sentido, não poderia ser estabelecidas fronteiras que, de alguma forma, delimitassem o campo, ou campos de atuação de cada um desses itens, a fim de gerar uma compreensão dessas etapas que auxiliam na composição do discurso. Para efeito didático, a constituição poderia ser definida como a essência, a matéria prima que compõe o discurso, nasce da memória discursiva, do já-dito, sempre envolvida pela ideologia. A formulação seria responsável pela organização desses componentes essenciais, as medidas desses “ingredientes” arquivados. Já a circulação seria resultado do “desprendimento” desse dizer em relação ao sujeito, o dizer exteriorizado, depois de dito, seguindo seu curso por determinadas vias de acesso.

Em todas as etapas, “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso, observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2012, p. 15). Desse modo, o discurso está associado ao movimento, o movimento à história, a história ao sujeito e o sujeito à história. O homem que fala é o sujeito, que faz história e que é feito por ela, por intermédio da linguagem, que materializa a ideologia na ocorrência do discurso.

Por isso, a análise de discurso, que se inicia na França e recentemente vem sendo anunciada sob uma perspectiva de brasileira, devido à grande expressão da pesquisadora Eni Orlandi, vem reconhecer que “O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.” (ORLANDI, 2012, p. 15) Isso se esclarece ao se pensar que o homem só se constitui em sua relação com o outro, por meio da linguagem ou do discurso, esse mesmo homem, sem a interação, não faz história, ou seja, não existe, já que seria apenas um ser isolado. É no ato discursivo que o homem se faz ser e que sua história vem a se concretizar ou a se circunscrever.

Por tudo isso, falar de discurso, objeto da análise de discurso pêcheutiana ou orlandiana, é falar de algo sem começo e sem fim, já que

Como sabemos, o discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois. O que temos são sempre “pedaços”, “trajetos”, estados do processo discursivo. (ORLANDI, 2008, p. 14).

3. *Pensando polissemia e paráfrase*

Já foi dito que o discurso é o objeto de estudo da análise do discurso pècheutiana, estruturado sob fatores como historicidade e ideologia. Também é relevante dizer que há sempre uma permanência do já dito em toda formação discursiva. Ainda assim, apesar de um discurso não poder ser definido como novo, também nunca é o mesmo, há dados acrescentados que o transformam. O sujeito, influenciado pelo processo de esquecimento, acredita ser o criador do discurso, e sob alguma medida, é o processo parafrástico-polissêmico que, nesse sentido, vem garantir uma espécie de continuidade à história, vem trazer o “novo” acontecimento por meio do discurso, lugar de materialização da ideologia, lugar onde as práticas vão se consolidar.

Nesse sentido, o sujeito passa a falsa impressão de estar no controle, por meio da memória e dos esquecimentos. A memória, repleta de arquivos de interdiscursos, entra em dispersão, pressuposto para o complexo adâmico do sujeito, ou nas palavras de Eni, “sonho adâmico” (ORLANDI, 2012, p. 35).

Assim se evidencia também o espaço da psicanálise, já que a análise do discurso recorre ao inconsciente, para justificar o processo de formação discursiva, para explicar a relação de formulação do discurso, em que atuam também os interdiscursos e o intradiscurso:

Para os nossos propósitos, diremos então que o pré-consciente caracteriza a retomada de uma representação verbal (consciente) pelo processo primário (inconsciente), chegando à formação de uma nova representação, que aparece conscientemente ligada à primeira, embora sua articulação real com ela seja inconsciente.” (PÊCHEUX, 2009, p. 163).

É nesse processo que, a partir do “arquivo” dos interdiscursos na memória, o sujeito “produz seu” intradiscurso: “*simula o interdiscurso no intradiscurso*” (PÊCHEUX, 2009, p. 165), parte da resistência ao fato de não ser o primeiro, nem agente de seu dizer. Acrescente-se a isso a fala de Eni ao dizer que “às vezes, lembrar é resistir e, às vezes, esquecer é que é resistir.” (ORLANDI, 2000, p. 107).

Nesse processo de “criação do discurso pelo sujeito”, realidade e ilusão se completam: há o real da história atingindo o sujeito por meio da ideologia, registrado por um discurso já dito, já significado, que passa a ser (re)formulado por meio de novos enunciados, numa relação parafrástica:

Todo sujeito-falante “seleciona”, seleciona no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – *um enunciado, forma ou se-*

quência, e não um outro que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada (PÊCHEUX, 2009, p. 165).

A paráfrase vai sustentar a ocorrência do esquecimento número 2, sugerindo ao sujeito a ilusão de que ele “decidiu” produzir aquele enunciado e não outro. Como afirma Pêcheux: “[...] o espaço de reformulação-paráfrase que caracteriza uma formação discursiva aparece como o lugar de constituição do que chamamos o *imaginário linguístico* (corpo verbal) (PÊCHEUX, 2009, p. 165).

O que equivale a dizer que “Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer.” (ORLANDI, 2012, p. 36), ou em outras palavras, por meio da paráfrase, “Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado.” (*Idem*).

Paráfrase e polissemia são estudadas por Eni Orlandi em uma relação de comparação, sendo que, para a autora, a primeira representa “o mesmo”, um ponto mais fixo ou próximo aos discursos anteriores; enquanto a segunda está relacionada ao “diferente” (ORLANDI, 2000, p. 107) Nesse sentido, a combinação das duas garante a permanência contínua da historicidade, ou seja, enquanto a paráfrase assegura o discurso já-dito, que marca a história já vivenciada; no presente, a ruptura com o mesmo possibilita o aparecimento de um outro sentido, o que permite a noção de futuro, já que o mesmo nos eternizaria a viver apenas no passado. Essa ocorrência torna-se possível pelo equívoco presente na língua e na ideologia. Se não fosse desse modo, todo discurso seria sempre o mesmo, assim como o sujeito nunca seria outro, ou seja, não haveria progressão na história discursiva.

Por esse aspecto, o trabalho da polissemia vem garantir continuidade de existência discursiva, de existência de sujeito no decorrer da história, garante a produção de discursos outros, já que “[...] na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco.” (ORLANDI, 2012, p. 36). Nesse sentido, o equívoco permite haver ocorrência de novos sentidos, assim duas realidades se firmam sustentadas pela tensão presente entre si: de um lado, a paráfrase prende uma ponta do discurso ao passado real, à historicidade transportada pela ideologia; de outro lado, a polissemia lança outra ponta do discurso na direção do novo, do que é criativo.

4. A formação discursiva

Ao ser posicionado como sujeito, preparando-se para produzir seu discurso, o trabalho de seleção e organização do que deverá/poderá ser dito é iniciado: “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.” (ORLANDI, 2008, p. 43). Dito de outro modo, ao “produzir” um discurso, o sujeito vive um processo ilusório de seleção de vocabulário, bem como “assume” um posicionamento diante dos fatos, isso vai determinar o que será dito em forma de discurso a partir do “lugar” onde se situa, do qual passa a fazer parte como representante de um aparelho ideológico.

Nessa continuidade por que passa a historicidade, interpelado pela ideologia que atravessa os tempos, dentro de dadas condições de produção, discursos são “suscitados” na busca pela continuação da realização da história. Diante do rumo dos acontecimentos sujeitos são atravessados por essa ideologia, instigados a discursar em função de algum aparelho ideológico e, como representantes dessas instituições, são posicionados em determinados lugares a fim de, por meio da linguagem, materializarem tal ideologia no lugar chamado discurso, conforme afirma a autora: “As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas.” (ORLANDI, 2012, p. 43)

Nesse sentido, pode-se dizer que os sentidos buscados em respostas por outros sentidos no processo ininterrupto da história alcançam determinado sentido – e não outros – pela formação discursiva que se estabelece em oposição a outras. Nesse jogo, pode-se entender formação discursiva como sinônimo de filiação significativa, ou nas palavras ditas por Eni: “Formações discursivas, a rede de filiações de sentidos” (ORLANDI, 2008, p. 10)

Se o objetivo é compreender formação discursiva, é necessário lembrar o caso das palavras. Ter em mente também que elas não são transparentes a fim de que possam ser atravessadas e um sentido pronto possa ser determinado do outro lado. Já ficou claro, por meio do referencial teórico da análise do discurso, que isso não ocorre dessa forma, mas que o sentido das palavras se estabelece por sua relação com outras, provenientes de interdiscursos, de já-ditos, de historicidade, nesse sentido também determinado por diferentes formações discursivas, que, postas em oposição, num outro momento, diante de outras palavras, terão senti-

dos depreendidos sob essa perspectiva e não sob outras. Nesse sentido, “As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações.” (ORLANDI, 2009, p. 46) Nunca pré-estabelecidos ou simplesmente dicionarizados estaticamente.

Desse modo, “As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações.” (ORLANDI, 2012, p. 43) Isso é possível por causa da ideologia, essa linha imaginária funcionando como elo entre os discursos de todos os tempos, seja em que relação for. Os discursos outros permanecem em algum arquivo, em alguma memória e em alguma medida tal, que a qualquer momento, estejam aptos a se movimentarem, numa existência constante, eterna, deslocando-se em direção à formação de novo discurso, com um novo sentido, a partir de um dado posicionamento.

Nessa relação de deslocamento, de metáfora, a interpretação torna-se possível, o sentido se revela, a ideologia se manifesta por meio do simbólico. As palavras se aproximam ou se opõem pela materialidade que carregam.

5. A prática discursiva

Enquanto na filologia a interpretação se voltava a buscar “o que o texto queria dizer”, na análise de discurso não se procura no texto – que também pode ser uma denominação de discurso, já que discurso também é texto – a manifestação do sentido. Se para a hermenêutica tradicional o sentido era retirado da composição do texto, de sua estrutura mais voltada para as questões estruturais de linguagem, para a análise do discurso o sentido é exterior ao formato do texto, mais voltado às condições de produção do discurso. Assim, o sentido será encontrado na materialidade da ideologia, fato que se dá por meio da linguagem, do sujeito no realizar do discurso, já que “Na análise do discurso procura-se compreender a língua fazendo sentido enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social, geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2012, p. 15).

Já em relação à questão das palavras, o processo envolve o deslize metafórico, a polissemia e a paráfrase para construir seus efeitos, para instaurar-se no real da história de hoje, transportando o real da história dos “ontens” a caminho da história que ainda virá. Nesse jogo, o sujeito acaba não tendo a opção de não produzir sentido. A ideologia dita o que

vai ser dito como um sussurro ao ouvido, para que a memória discursiva, usando dos esquecimentos iluda esse sujeito e, desse modo, ele se posiciona frente aos fatos e faça o seu trabalho de “selecionar” o que dizer e como dizer.

Ao proferir a fala, ou o discurso, sujeito e sentido vêm à tona, em uma existência mútua, que se dá pelo funcionamento da linguagem, por sua ocorrência, registrando-se na história. “O que chamamos discursividade é justamente a inscrição dos efeitos da língua na história.” (ORLANDI, 2008, p. 20). São os já-ditos e os não-ditos se reformulando pelo equívoco da linguagem, tornando-se algo real, ou seja, os interdiscursos, sendo transformados em intradiscursos.

Sendo o discurso constituído por palavras que não trazem consigo um sentido literal, mas histórico, ou seja, dependente de relações da/com historicidade, que envolvem o sujeito e o lugar de onde essas palavras são proferidas, a discursividade pode ser definida como o discurso ganhando/fazendo sentido, inscrevendo-se na história. E como toda a história está imersa em ideologia, Eni diz que a discursividade é “a maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele.” (ORLANDI, 2012, p. 43).

O que é tratado pela mesma autora da seguinte maneira:

A relação da ordem simbólica com o mundo se faz de tal modo que, para que haja sentido, como dissemos, é preciso que a língua como sistema sintático passível de jogo – de equívoco, sujeita a falhas – se inscreva na história. Essa inscrição dos efeitos linguísticos materiais na história é que é a discursividade. (ORLANDI, 2009, p. 47)

Por essa perspectiva, pode-se perceber que a prática discursiva é o que permite a constituição do discurso por meio de seus elementos essenciais, em que não se separam ideologia, sujeito e linguagem. Tal processo, é explicado por Eni, esclarecendo que “Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito, inaugura-se a discursividade.” (ORLANDI, 2009, p. 45) Em um processo sempre e novamente.

6. O sentido

Em análise de discurso, o sentido não é algo pronto, dicionarizado ou estático. Ao contrário se relaciona ao percurso do discurso, ao movimento relacionado a/relacionando a história. “O sentido decorre das enunciações, atos que se dão no interior das FDs, que determinam o sen-

tido do que se diz. A universalidade e a generalidade estão excluídas”. (POSSENTI, 2004, p. 361).

O sentido não é um lugar de caminhos pré-estabelecidos, mas nasce da interpretação, conforme afirma Eni:

[...] não há sentido sem interpretação; b. a interpretação está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa, e c. a finalidade do analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos. É preciso lembrar que nesta filiação teórica, não há sentido em si [...] (ORLANDI, 2008, p. 19)

Desse modo, o sentido se dá a compreender por meio de análise, do uso de polissemia, paráfrase, metáfora. Pelo processo de deslocamento busca-se nos arquivos dos interdiscursos o significado das palavras inscritas na historicidade, no real da história, na materialização da ideologia.

Assim, percebe-se que os sentidos, não estão prontos, e a incompletude da linguagem, o equívoco, a possibilidade sempre de outra formulação são o que gera a diversidade de discursos, os “novos”. Há sempre a possibilidade de o discurso ou o sentido serem outro. “[...] é justamente pela abertura que há determinação: lá onde a língua passível, de jogo, (ou afetada pelo equívoco) se inscreve na história para que haja sentido.” (ORLANDI, 2008, p. 20).

Em análise do discurso o processo da manifestação do sentido jamais ocorre isolado da história, ao contrário, a ideologia cumpre o trabalho de transportar a “força”, o posicionamento de uma instituição ou aparelho ideológico. Ao interpelar o sujeito a produzir um discurso, pelo jogo da memória, buscando os interdiscursos dispersos, com o uso dos esquecimentos, enfim com os recursos dos mecanismos oferecidos pelo referencial teórico constitutivo da análise do discurso, as palavras são postas em contato com a história, e desse confronto começa a surgir o que será o sentido.

A análise de discurso é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do texto e vendo nessa opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique. (ORLANDI, 2008, p. 20)

Em análise de discurso, o sentido está entrelaçado com história, que está entrelaçada com o homem sob o controle da ideologia. É desse modo que a ideologia interpela o homem a se tornar sujeito e, por meio da linguagem, esse sujeito vem a materializar a ideologia no discurso, na

presença de outro, ao qual se une na construção da possibilidade de ocorrência de sentidos.

7. Considerações finais

Em um mundo real feito de seres simbólicos, a busca pelo sentido torna-se um referencial para se entender a vida, a história, os acontecimentos. Em um processo constante em que a linguagem é a materialização do discurso, e o discurso responsável pelas relações sociais, o sujeito torna-se um agente no movimento da existência, do mesmo modo que o discurso está sempre sujeito a transformações constantes, a outras possibilidades.

Pelo processo de formulação, o discurso, objeto que torna a análise de discurso, uma ciência, vem a ser o alvo da busca por compreensão, por sentido. Submisso aos equívocos e às incompletudes da língua, o discurso permanece exposto diante da “obrigatoriedade” de significar, seja de um modo ou de outro.

Os instrumentos ou tópicos inseridos na análise do discurso, que compõem seu referencial teórico, auxiliam no processo de constituição do sentido entre interlocutores. O deslocamento de sentidos que a palavra permite, no espaço que perpassa de uma discursividade a outra, pelos recursos da polissemia e da paráfrase, entre determinados discursos e seus efeitos, permitem a compreensão da língua funcionando pela materialidade da ideologia no discurso, fazendo sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORLANDI, E. p. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2012.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.: Eni Orlandi. Campinas: UNICAMP, 1997.

_____. A análise automática do discurso (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 1990.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

POSSENTI, Sírio. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. *Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas*. In: MUS-SALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, vol. 3. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.